

Cr. \$ 6,00

LEIA DO MESMO AUTOR:

- BRASILEIROS, AS ARMAS!
- ECOS DO REDENTOR
- A LIRICA DE LUÍS GAMA

EM TODAS AS LIVRARIAS

COLEÇÃO VEIGA DOS SANTOS
O ESPERADOR DE BONDES

COLEÇÃO VEIGA DOS SANTOS

JERONIMO R. MATTOS

TERESA M. MALATIAN ROY

O Esperador de Bondes

Novela

Artindo Veiga Dos Santos



1 9 4 4
ESTABELECIMENTO GRÁFICO "ATLÂNTICO"
Rua da Alfândega, 56 — São Paulo

TERESA M. MALATIAs ROY

O ESPERADOR
DE BONDES

Do amigo e
"tenível" coneligionário
e promissor
com um glória!

27.2.54
Bya

OBRAS DE A. VEIGA DOS SANTOS

- A lírica de Luís Gama. 1944.
Brsileiros, às armas! 1943.
Écos do Redentor. 1942.
Incenso da minha miséria. 1941.
Evocando o passado (em colaboração com A. Alves Ribeiro
e José Marret). 1940.
O crepúsculo da civilização (trad.). 1940.
Do govêrno dos príncipes e dos judeus (trad.). 1937.
Para a ordem-nova. 1933.
Da floresta a Paris (trad.). 1933.
Satanás. 1932.
Contra a corrente. 1931.
Pátria-Nova (direção). 1929-33.
O Bibliófilo (direção). 1927.
O bálsamo das dores (trad.). 1926.
O carnaval. 1925.
Amar... e amar depois (1.ª menção honrosa da Acad. Brasil.
de Letras). 1923.
Os filhos da cabana. 1921-23.
A publicar: — Alma de negro. História de hum amor fin-
gido, Contos da terra ingrata, Palavra nova, Versório
de amor, etc.

O Esperador
de
Bondes
Novela

Artindo Veiga Dos Santos 334

TERESA M. MALATRA



1 9 4 4
ESTABELECIMENTO GRÁFICO "ATLÂNTICO"
Rua da Alfândega, 56 — São Paulo

ÍNDICE

<i>Obras de A. Veiga Dos Santos</i>	2
<i>O Esperador de bordes</i>	7

ÍNDICE DAS POESIAS

Proceridade	11
Palmetra solitária	15
Saudades do interior	22
Mau tempo	26
Chuva teimosa	34
Velho Brasil sagrado	36
Novo Jacó	42
Lembrete	48
Pára, infeliz!	48
Doutrina e lato	54
Natal	63
AMOSTRAS	67
I. Epistula	67
II. Tenho vontade de chorar baixinho... ..	72
III. Aquillo que se quer... ..	73
IV. A Arvore-da-Vida	74
V. Natal moderno	75
VI. Doutor Fabiano	76
VII. O bem querido	77
VIII. Cuadras	78

O ESPERADOR DE BONDES

— Está vendo, nhô Chico? Está vendo? E' como lhe disse. Não dá mais nada isto aqui. Diga lá: zo que se pode tirar desta pobre terra? Não dá mais nada.

Nhô Chico coçou a cabeça. Tirou da bôca o cigarão de palha, cuspiu para o lado.

— E', coronell! . . . É é pena! Há tantas outras coisas boas nesta fazenda velha. Eu, por mim, não abandonava este lugarzinho. Mecê sabe, compadre: eu tenho um chodó danado por tudo isto que vemos aqui. Depois, esta é uma fazenda de-verdade à moda antiga. Tem de tudo. O café caiu, ¿quê se há-de fazer? Mas o feijão, o milho, a batata, o cará, o algodão, e até o arroz lá na baixada. . .

E nhô Chico apontava lá para baixo, do alto da colina, onde fenecia um cafêzinhos mirrado e pobre.

E prosseguia:

— ¿E a cana, coronel?! Sustenta uma moagem batuta que ainda é a melhor desta zona. Não falta boa pinga, melado, rapadura. Ah! aquela rapadura com cidra que sempre aqui se fez! Não há melhor na redondeza. Toda gente fala bem dela. Carreiro que passa não dispensa uma boa dúzia. E ainda podia fazer espírito-de-vinho. . .

O coronel, porém, não queria opposição, mas acôrdo. Queria comparsas, queria cúmplices na censura àquelas

terras que dominara durante mais de vinte anos, já herdadas dos avós, e que o enriqueceram e fizeram o que era: muito dinheiro, muitas propriedades nas cidades vizinhas, muito crédito na capital e em toda parte, muito prestígio até para o jôgo acanalhado do Partido Único que nos municípios se transformava em dois para a exploração do homem do interior.

— Sim, coronel, — continuou nhô Chico desanimado — que as terras andam meio-cansadas facilmente se vão. Mas mecê não tentou tudo quanto podia. Estêrco bastante, essas drogas que lhe ofereceram na cidade já tantas vezes.

— Olhe, Chico: a gente não vive de milho, feijão e batata. Você já viu grande fazendeiro a trôco de milho, feijão, batata e mandioca? Isso até desmoraliza a gente. Todos esses adubos de que falam por aí não adiantam nada, Chico: além-disso, são muito caros. Se formos criar cafezal à custa dôles, tem quanto vai ficar cada saca de café? O melhor é cavar terra nova e largar esta, não acha?

Nhô Chico fingiu não ouvir.

— Mas já lhe falei do algodão, da cana, compadrel!

— Cana! Cana! Açúcar há demais no Norte e em Cuba! Você está com saudade, já antes do tempo, da nossa pinguinha, não é? Pinga é bobagem; bebida sem preço, tostão o copo. Vale muito mesmo fabricar pinga! Só vocês camaradas bebem tôda a cachaça que produzimos.

— Mas eu não bebo só pinga, coronel! — retorquiu nhô Chico meio-ofendido pela alusão.

— Não! não! beba também vinho branco, que é quasi pinga mesmo. E come muito melado com farinha de mi-

lho e com mandioca, e mastiga o dia inteiro rapadura que o deixou banquelo assim!

— Afinal, coronel, mecê queria a minha opinião ou estava com vontade de me xingar? Faça o negócio que entender. Venda a fazenda, que é sua. Venda, com a vontade da comadre ou sem ela. Mas eu sou franco, digo o que penso. Essa mania de andar mudando de terra quando ela se cansa não dá certo. É assim que eu penso, eu!

— Bem, compadre Chico. Não precisa brigar por causa disso. Lembre-se de que afinal-de-contas somos compadres e velhos amigos. Vamos lá pra casa tomar um traguinho daquela de que você gosta.

— Eu só, não: mecê também.

— Está certo! Está certo! Já disse que não vamos brigar por causa disso.

E lá se foram os dois, meio-emburrado nhô Chico, que não gostara da brincadeira.

Pelas aléias dos cafezeiros malsinados desceram a colina, em que as grandes chuvas haviam cavado profundas erosões, e atingiram lá embaixo os banhados onde se tinham conseguido umas boas colheitas de arroz. Atravessaram silenciosos a pinguela que facilitava a passagem do ribeirinho murmurante, deixaram à direita as pastagens de raro gado, onde a criançada nos meses finais do ano ia à cata de guabiroba, aragás, cabeças-de-negro e ariticuns, cujo cheiro forte carregado pelas aragens é o mais amável anunciador da sua grata presença aos farejadores das frutas selváticas, nessa época perigosa do defêso, quando as cobras esguias, tímidas e temidas, se enrolam pelas touceiras ou deambulam pelas rasas camadas de verdura.

Nhô Chico adiantou-se, atingiu a porteira, ergueu a

aldrava, deu passagem ao coronel, bateu a cancela atrás de si e, sempre mudo, foi acompanhando o compadre, por entre as fruteiras do vasto pomar onde entraram a caminho da residência à vista acolá a uns trezentos metros, alvejando atrás da entretela do arvoredo.

PROSPERIDADE

Se tens prosperidade, goza dela
com sossego e humildade sem mistura
de arrogância e grandeza. E' bagatela
que, como vem, se vai sempre insegura.

¿Crês eterna essa vaga de ventura?
¿Tens confiança nessa ociosa vela?
Não fóra tal ventura uma aventura,
vela que o vento arrasta sem cautela!

O melhor é gozá-la sem afã,
não pondo nela o bem da nossa vida,
cientes de que a mudança é nosso irmão.

Só assim seremos livres e senhores
de continuar nós-mesmos, sem as dores
de assistir-lhe à surpresa da partida.

* * *

Mas de-fato não dava mais café e terra de fazenda. Tornara-se fraquíssima. Também, há quanto tempo não vinha sustendo uma produção gloriosa! Como pode uma terra, privada de adubos e sem os milagres dum Nilo, agüentar tanto tempo o que se espera dela? Plantar e colher! mais nada. Já lhe haviam os queimadas tostado o lombo antes do primeiro plantio, destruindo o húmus ubertoso, na ignorância ingénua do caipira que, neste futuro País das maravilhas, jamais fôra ensinado por ninguém, nas suas mais comezinhas necessidades da lavouragem. Plantar e colher! Só!

Impossível! Um dia, cessa irremediavelmente: vai caindo, caindo mais, caindo mais e mais de ano em ano a quantidade, a qualidade do produto e, afinal, fica o pobre do cafeeiro o que aí se mostra, como saudoso espectro lamentável da antiga árvorezinha copada, verde-forte e viçosa, a esplendor branca, tal uma noiva primaveral, na época jubilosa das floradas. Hastes despidas se espetam por todos os lados. Percebe-se uma fraqueza anémica de folhas raquíticas, de um verde-fraco, desalentado, sem esperanças. Já não brilham mais, nas vésperas da colheita, com a opulência soberba e nababesca de antanho — encanto sublime dos olhos — os pominhos de sangue vivo, tão tentadores, que dava vontade de mastigá-los como apetitosos cerejas.

Dá dó! Dá saudade! Especialmente ao homem do mato dotado, nesta terra, de piedoso animismo, amando as coisas qual se foram gente. Passa o caipira pelo cafezal caduco e sacode compadecidamente a cabeça.

— Coitado de cafezal! — monologa lá consigo-mesmo. — E era uma beleza no tempo de-dante. Na temporada da coieta, nem se fala. E' miô nem pensar nisso! Agora, tá aí no que ficou. E' quem-nem nós home, tal-e-qual. Coitado!

* * *

E foi por isso que o Coronel Pires, fazendeiro proecto mas não desanimado da vida, resolveu picar em sítios as suas terras e partir para as terras-roxas da Noroeste.

— Aquilo ali não deve mais nada. Nem plantando. E, com-efeito, foi-se embora.

Verdade é que teve, primeiro, de lutar com a opposição da mulher, desejosa de conservar ao menos a casa da moradia, com um bom pedaço de chão, para meter a saudade, uma vez que outra.

— Homem sem coração! Pois você não tem dó de largar à-toa isto tudo? Foi esta terra que nos fez o que somos. Já não tínhamos nada, e não ser a empáfia ôca e o orgulho vazio dos nossos, quando aqui viemos. Com o trabalho e a fôrça da terra, chegámos à boa situação que desfrutamos. Educámos nossos filhos, passeámos na Europa, "fizemos bonito" à custa d'êste chão. E, depois de tudo, desprezamo-lo porque "não dá nada" (o que não é bem verdade), e vamo-nos embora, para tentar o hábito a paisagens novas... tudo, tudo diferente daqui... Não há no mundo lugar como êste, para mim.

Acabou, porém, cedendo, tanto que o marido, menos sentimental e já afeito à nova mentalidade vinda do estrangeiro, sugeriu possível ruína, recordou letras, hipotecas e outras lembranças ferozes.

Ficaram com as terras cansadas alguns japoneses arrendatários, os quais, com adubeções poderosas, tiraram da sua parte de solo quanto tomate, cebola, pepino e batatinha puderam, e, vencido o prazo, deram o fora, deixando equivo sem mais serventia alguma. Italianos de longos anos de Brasil compraram os seus alqueires, criaram o seu sítio como conseguiram, e fixaram-se definitivamente por ali, com a filharada toda e umas famílias negras, caboclas e mais outras. Misturou-se tudo e falavam só português ou brasileiro, que é a mesma coisa. Nortistas, são, cheios de planos e vontade, firmaram-se alguns apenas e progrediram na pequena cultura e criação: porque outros, desassossegadíssimos, esperavam chuva no Nordeste. Ao saberem haver por lá batido água boa, não houve o que os contivesse, pois possuem terra própria no rincão natal: juntaram-se e rumaram a pé, cortando São-Paulo, Minas, Bahia, e indo dar com o costado forte nas milagrosas plagas onde uma pouca d'água, brindada pelos céus vasqueiros, produz maravilhas pesmosas.

PALMEIRA SOLITÁRIA

Palmeira solitária da colina
apontando solene para os céus,
sonhas numa saudade que não fina
e não teme borrascas e escarcéus.

Neste crepusculo cinza, então, se inclina
para o passado a dor de afetos teus:
talvez a companheira peregrina!
talvez pássaros mortos... sabe Deus!

E eu cá, pensando em ti, me vou pensando
em como, igual a ti, me vai ficando
cada vez mais deserto o coração.

Mas, em contraste, nada se revive,
pois concludo, afinal, que raro tive
quem me guardasse sólida afeição.

* * *

Entre os nativos abalados a fundar sítio independente, estava nhô Camargo, mestiço havido por descendente dos rudes Bandeirantes, cujos herdeiros, hoje quási sempre miseráveis fins-de-raça por falta de sanidade e cultura, vão desaparecendo na insignificância e nulidade, em confronto com outros elementos afro-lusos ou alienígenas que progredem, com mais prendas de formação éstes (embora não superiormente predispostos), prendas essas ecrescidas da psicologia do aventureiro vindo de fora e preocupado, a princípio ao menos, só de enriquecer... de qualquer jeito!

Tinha Camargo uma boa mulher, desses que, pela fé cristã e sensatez feminina, sublimem a vida dos meridos:

— Se outros arribam, nhô Camargo; ¿por quê é que você há-de ficar sempre pra-trás?! Italiano que chegou do fim do mundo está arrumado. Turco também. Agora, até japonês! Dê um jeito! Tenha coragem, homem! Nós também podemos ter o nosso sítinho, como os outros. Como não? O Brasil é nosso. Basta você querer. Queira! Dê um jeito, nhô Camargo. Não custa nada exprimentar. Você bem podia conversar com nhô Chico, compadre do coronel Pires.

— Deixe, mulher! Vou pensar nisso! Até já estava pensando! — tornou o espôso.

Pensou e fez.

Havia na fazenda, já com umas economias, o bom Guilherme, alemão da Baviera, compadre de nhô Camargo. Fizeram entendimento e daí nasceu uma sociedade de ambos para exploração das terras adquiridas do fazendeiro, certos os dois associados de que não haveria perigo de um explorar o outro em-vez das terras.

Com a animação admirável e esperançosa de quem trabalha... que lhe pertence particularmente, meteram mãos à obra e, com o esforço incansável do mulato e o capricho do germânico, não passou muito tempo para que a policultura, a criação e a pequena indústria do leite regalassem a ambas as famílias uma vida folgada, pagando áles bem e fornecendo moradias sãs aos colonos que, com dedicação merecida, vieram ajudá-los a fazer produzirem as glebas cansadas.

* * *

Possuía o casal Camargo uma bela filha, a Joaninha, os amores dos pais, que por ela tudo fariam. Também o casal alemão punha tôdas as esperanças no menino Frederico, de idade pouco maior que a da Joaninha.

Conheceram-se desde crianças e juntos brincaram sempre. E iam crescendo, ao mesmo tempo que as modificações orgênicas, trazidas pela adolescência, foram mudando aquela simples amizade em algo mais interessado. Já se não "amizavam", amavam-se, com a simplicidade um pouco acanhada, própria dos campesinos. E custou, realmente, aparecer entre ambos a palavra de amar, isto é de um gostar mais explicado; pois o verbo amar é mais literário que vulgar na população rural.

E os olhos? Ah! os olhos! Falam tanto naqueles que silenciam, tão eloquentemente peroram, que se tornam traste inútil e sem sentido as palavras. Por-vezes, elas até strapelham por dizerem pouco, pouquíssimo.

Aprezio ver a mulotinha faceira e o alemãozinho singelo sempre juntos, depois que ôle, à tardinha, à noitinha aliás, voltava do trabalho da roça e êle, desfazendo-se das

tarefas caseiras, se punha garrida com um dos mais galantes vestidinhos de chita multicor.

Amavam-se, mas não falavam nunca do seu amor. Para quê afinal? A gente já se entende! A sra. Camargo fingia não ver. Mas bem que via.

Os estranhos, êsses tagarelavam e respeito:

— Um belo parzinho! Daria certo!

E ela mesma, muda diante do rapazelho, confessava às amiguinhas o que calava a Frederico:

— Eu gosto... eu gosto muito d'êle! — e viam-lhe nos olhos uma doçura que desafiaria tôda mentira.

...

E prosperavam os negócios dos pais de ambos.

Os algodoads a seu tempo, as culturas do milho, das abóboras e batatas — gôzos das doceiras do mato! — do cará, da mandioca (pão dos matutos), do feijão, das laranjas, limões, verduras, e, até, do arroz, acrescidos do trato da criação de aves e bovinos, aproveitados na pequena indústria do leite, transmutaram o sítio numa deliciosa povoação quasi auto-suficiente. E, o que mais interessa, tôda gente radiava satisfeita com o salário e tratamento cristão dos jornaleiros, fato bem raro.

Continuou, não-obstante, a singeleza dos associados, a quem movia espantos o progresso da fazendola, arquitetada em boa hora.

— Como é? Vai bem a geringonça? — perguntava nhô Chico.

— Graças a Deus e à Virgem Maria! — confirmava nhô Camargo.

A altura tantas, entrou de agitar-se na mente dos sócios o problema gravíssimo do futuro da prole.

Só um fraco reprovável se apossou logo do alemão, que projetava fazer, do filho, advogado, contra tôdas as necessidades do porvir da propriedade agrícola, a qual haveria mister de um continuador mais tarde, continuador e fomentador com mais aptidões específicas que os fundadores.

— Quer saber, compadre? Frederico tem de ser doutor, advogado. É o que vale mais no Brasil!

— Mas, nhô Guilherme! Mecê não acha melhor que êle vá aprender coisas da roça, em Piracicaba?

— Qual-o-que! pra roça chega nós!

Quanto a nhô Camargo, deu para lastimar não ter um filho (sem deixar de idolatrar a incomparável Joaninha, está visto!), filho êsse que, nos planos d'êle, seria engenheiro e técnico agrícola...

Bacharelismo alemão e tecnicismo brasileiro: fenomenal! A força da terra transtorna o imigrante.

Todos os domingos, envergando os "parelhos" mais luxuosos, iam à missa na cidade mais próxima, e o mercado das colheitas se fazia, a princípio, em carritela, substituída mais tarde por um só caminhão que os forçou a dispensar os carroceiros e o milho da terra, e ficar dependendo do mecânico e do pôsto de gasolina da cidade, e este para os consertos e substituição de peças e pneumáticos, e êste para a essência e o óleo, utilidades tôdas vindas de fora, de muito e muito longe, mas que se acham pertinho de tôda gente.

Gozava delirante a moleçada. Namorava o caminhão. Quando êle parava em dia santo ou feriado ali por uma

*Sete
mundo
do
pelo
geral*

estrada do sítio, juntava-se o rapazio em massa, interessadíssimo pela bela máquina.

— Quando eu puder, vou ser chofer.

— Eu também!

Dal'a pouco, havia carroceiros aprendendo a guiar automóvel, com uma imponência entre altiva e cómica. Nesse tempo, era importante ser chofer. Vália carta de doutor quasi.

Os molecotes, enquanto o não podiam, contentavam-se em inventar uns carrinhos-de-mão, brinquedos complicados com volantes e breques.

— No pé em que vão indo as coisas — explicavam os ex-carroceiros, ex-carreteiros ou carreiros — no pé em que vão indo as coisas, a gente acaba no ôlho da rua, sem ter o que fazer, sem fisgar um carrato, com essa invasão de caminhões, dirigidos por pessoal da cidade!

— Eu não tolero esse bicho fedegoso chamado caminhão! — rosnavam um caboclo revoltado. — Se essa joça invadir aqui, eu afundo pro sertão co'a minha carritela. Eu não cedo!

— Se a gente pudesse fazer óleo e gasolina com o milho que plantamos aqui mesmo, dava certo e nós ganhávamos, ainda por cima, dinheiro "pra burro". Não ache, compadre Guilherme?!

— Achar eu acho, compadre! Mas o diabo é que não pode! O único remédio é agüentar firme, e ir comprando gasolina das estranjas.

Não descansava, todavia, a inquietação química do nhô Camargo, o qual andava cismando bobagens acérca dos altos problemas de óleos e gases.

Ao ver a mulher e Joaninha, às-vezes, debulhando o gostoso feijão quandu, o qual lhes deixava as mãos untadas

duma pasta oleosa, dizia nhô Camargo, de si para consigo, matutando:

— Feijão quandu contém óleo. Quem sabe se serve para automóvel. Mas será mesmo que no Brasil não tem gasolina? Mas, se tiver, não ficará mais cara do que água de Caxambu?

E o tempinho ia passando, feliz.

SAUDADES DO INTERIOR

Desde pela manhã, nossa alma sente
o prosaico do grande centro urbano
que parece perder feitiço humano
fazendo carregado todo o ambiente.

Olores da floresta viridente,
dos galos dos quintais o canto insano,
as vozes da natureza em cântico ufano
à aurora — nada aqui se vê presente.

Assim, pelas manhãs sem poesia,
crepúsculos sem a ideal melancolia,
sem cambiante e esplendor da natureza,
— eu fico mergulhado nas saudades
do interior, das estéticas cidades
sempre iguais na modéstia e na beleza.

* * *

Sucedeu, porém, que o esplendor dos negócios agrícolas apenas esboçados atraiu a atenção de gente de fora. Um moço bem-falante, cheio de ss e rr, bem vestido, sorridente e insinuante, veio propor uma transação vultosa, um negócio, dêsse em que os falcatruzeiros sabichões, da cidade devoradora e corrupta, enredam os caipiras desprotegidos, abandonados na sua primitiva seriedade (se não a perderam também!) dos tempos do fio de barba, quando sobejava consciência e vergonha. Não precisa contar: faz parte da nossa miserável vida econômica de há uns cinqüenta anos a esta parte: ora se chama encilhamento, ora tem outros nomes, mas é sempre o mesmo fenômeno de sobro moral, numa atmosfera asfixiante de gatunagem.

"O Brasileiro é o povo mais roubado do mundo", diz bem o sociólogo Pontes de Miranda.

Realmente: o que **trabalha** é roubado amiúde pelos que "fazem negócios".

Veio a falência dos "infelizes" negociantes da cidade, e arrastou à rua da amargura a sociedade Camargo-Guilherme. O Banco do Estado tomou posse de tudo.

Desterraram-se para a capital afim de começar vida nova os dois casais e filhos.

Retiraram-se sombrios e doloridos para outras fazendas mais felizes os colonos e meeiros, todos prejudicados na sua vida dependente dos dois sócios desprotegidos das leis e abandonados a si-mesmos. Proquejavam desgraças e pestes contra os ladrões engravatados, apoiados na malandragem do regime eleicoeiro dos "tucanos" e "bentevis" municipais.

estragadores da felicidade dos pobres sertanejos. Tudo embalde.

E as terras ficaram paradas.

Perdidos os esforços incansáveis para a construção do futuro. Tudo perdido.

Constou haver sinais de petróleo naquelas paragens. Depois, nunca mais se falou nisso. Quem começava a dar na língua, nos jornalecos da região e, ainda, da capital, parava de repente, como por encanto, sem apresentar satisfação do sesquipedal mutismo. E nada mais.

Eis que não alentava os olhos e o coração de quem por ali passasse aquela transmutação exuberante das antigas terras cansadas, revivescidas pelo labor paciente dos dois sitiantes, que há pouco despertava o assombro dos viajeiros.

Quem não conhece a tristeza dolorosa de uma fazenda em abandono? Pois era isso! Cultura parada, invasão de ervas maninhas, mandiocais, batatais, carazeis, sem colheita, continuando a penetrar a terra, como protesto das sementeiras saudosas; moínho de fubá sem a música monótona das águas que já passaram pelo mojolo também silencioso, o qual hoje-em-dia não soca mais o milho para o fabrico da farinha gostosa e dos beijos apetitosos. A criançada que, alegre, ruidosa, futebolava com bola de pano e, depois, numa algazarra louca, saía gritando, toda junta, vencedores e vencidos — **Ganhêmo! Ganhêmo!** — e ia tomar banho na Poça do corço, a criançada não aparece mais. Está longe, agora, dispersa, com os pais deserdados. Não se ouve mais o som da viola, nem o requiebrado saltitante das sanfonas multissonantes.

Quedou triste tudo.

— Onde mais o chiado dos carros-de-bois? — Onde o cheirinho novo da gasolina? — Onde as festinhas de junho?

— Onde as reuniões noturnas da pirralhada contando velhas histórias maravilhosas (e às-vezes de assombração, que amedrontavam!), as quais vão sendo com desvantagem substituídas pelas proesas doudas e mal-ensinantes de bandidos e detetives novaiorquinos?

Tudo acabou.

MAU TEMPO

Que tempo vário, que tempo feio!
Que de transtornos nos sói causar!
Nada plansjas sam ter receio,
seja por terra, seja por mar.

Tanta promessa de sol brilhante
logo se some na escuridão.
Tudo se muda de instante a instante,
fora de norma, de previsão.

Também na vida como no espaço
sói mesma coisa nos suceder:
da dor, da morte no iníquo abraço,
muda-se a espera do bom prazer.

* * *

Se a permanência definitiva na Capital representou qualquer coisa de maravilhoso para o casal embasbacado, o princípio, — para os dois jovens matutos foi um deslumbramento inexplicável dos olhos, da vida.

Mundo novo! Idéias novas! Tudo novo!

— Isto me tonteia! Tenho medo, um medão de tudo isto! — dizia por-vezes nhá Zita Camargo. — Tudo aqui está errado: é muito barulho, é muita liberdade. Há muito lá-fora aqui. Eu queria viver mais para-dentro; para-dentro de mim, para-dentro da vida. Como pode uma pobre sabiá do mato chocar os ovos, educar os filhos, se é forçada a estar sempre fora do ninho? Ah! nhô Camargo! (você me compreende? isto é tudo errado! Tenho medo de tudo isto.

Nas mudanças de ambiente, o que mais sofre é a parte moral.

Há uma psicologia do homem que se muda, não padece dúvida. Sói acontecer-lhe uma dupla mudança. Por qué? São segredos do cosmos em relação com o microcosmos-homem.

Há qualquer abalo misterioso, não-raro atingindo a verdadeiro terremoto. Se, nessa hora perigosa de encantamento mágico, em que o advenço da cidade pequena ou da roça entra em contacto com a Cidade Grande, Capital talvez, não aparece uma pessoa criteriosa, providencial, ou não ingresse êle em uma sociedade capaz de manter-lhe o equilíbrio, quâsi sempre perdido no estonteamento da iniciação no terrível mistério da metrópole babilônica, dá-se ordinariamente um desastre moral.

Perdem-se, logo, os bons costumes porventura trazidos doutro meio, e péssima se revela a corrupção do ótimo.

Estavam os antigos em que a lei moral se desfazia com o atravessar da linha do meridiano ocidental em direção à América. É a mesma a linha da roça para a Grande Cidade.

A família Camargo viera à Capital depois da família Guilherme.

Trazia Joaninha a ingenuidade das pobres creaturas que a sorte maldita, a deficiência de meios de vida nas cidades do interior, a decadência do avoengo municipalismo, a desorganização do trabalho, arremessam para a voragem alucinante dos grandes centros.

— Que faria no destêrro da Capital a família Camargo? — Que habilitações carregava para a concorrência com o que já está aí trabalhando? Recebera a educação primária oficial das escolas-isoladas. Ora, isso não dá nada; não forma ninguém para coisa alguma. Chega até a deformar. É a negação absoluta da utilidade para a vida.

Empregos domésticos! — baixa forma de exploração pela miséria do salário. Fábricas! — mecanização da alma. Eis-aí a solução única.

Bem quisera Nhô Camargo sustentar ambas em casa. Mas como? Tudo lhe fôra roubado pela máquina de exploração do trabalho. Nhô Guilherme, chegado antes, não podia ajudá-lo — luxo impossível na Cidade Grande de "cada-um para si e Deus para todos".

Entrou, pois, Joaninha de aprendiz numa casa de modas e principiou assim o contacto com as moças costureiras, cuja formação moral, com as competentes "honrosas exceções", está longe daquela rigidez ou, peor, ingenuidade e

ignorância da vida real, apanágio das donzelas das fazendas puramente agrícolas onde não penetrou ainda o vírus mortal da civilização decadente que alguns teimam em chamar desafortadamente *cristã*, mórmente para efeitos retóricos numa Nação roubada do seu espírito há meio-século.

Eram as costureirinhas umas sem-vergonhas na maioria, umas desbocadas e mal-conversadoras que a termos blasfemavam em italiano. Não julgaríamos mui superiores moralmente os poucos homens da oficina. Tudo isso, porém, não se via de fora. Assim, a princípio soavam puramente misteriosas para Joaninha certas conversas à socapa das companheiras que riam dela e, sobretudo, lhe achavam graça exagerada nos vestidos e, nomeadamente, na fala.

— Eu falo... falo sério... e vocês dão risada. Por quê? Não sou palhaço!

Frederico, em chegando, denunciava-se autêntico caipirinha. Ah! o Brasil do mato caboclica tudo. Não há escandinavo nem japonês que escape. A não ser que fundem a cooperativa racial e económica da resistência à Terra e ao Sangue da Terra, com intenção de economia fechada e imperialista com domínio da própria terra. Se bem que caipira, teve contudo Frederico a sorte de ser apanhado em ambiente são. Quando já o cerco impudico dos rapazes pódres ensaiava o domínio, um alemãozinho arrastou-o para uma congregação mariano. Do palanque iméculo dessa associação, começou a encarar varonilmente a realidade impassível da vida da Grande Cidade.

Todos os dias, ençaminhava-se ao ponto do bondé esperar a amiguinha que voltava da costura às 18, 19, 20 ou, 21 horas e tanto da noite, nos dias de serão de costura. Já

iszie alguma coisa, pois era muito inteligente e habilidosa e mocinha. Ganhava uns gigantescos 20\$000 por mês, a título não sabemos de quê. Seu trabalhinho renderia uns 200\$ à madama. Trabalhava pra burro. Eram recados, entregas de encomendas e, demais-disso, os serviços de ajudante das oficiais. Joaquina pra cá, Joaquina pra lá! Ficava fonta.

As costureiras, lembradas do tempo em que também haviam sido aprendizes, em vez de se compadecarem da repariguinha, sãdicamente auxiliavam a madama a estontear a menina. Fúria bestial de veterano contra calouros em certas faculdades da mesma cidade.

Contava-se uma excepção e dignidade: era uma jovem já passada, de semblante invariavelmente triste, que a tratava qual se fôra sua irmã mais velha. Também era só. E isso lhe causava a antipatia das outras. A menina tinha apoio na costureira simpática, em Frederico e nos pais, quando o bom do alemãozinho a levava para casa.

Apesar de tudo, ia-se tornando amarga a vida de Joaquina. Irritada sempre na oficina, após muita contenção, entrou de brigar, qual valente sertaneja, com certas filhas de estrangeiros que se pretendiam estrangeiras tal como os pais e, mais ainda, ofendiam os brasileiros-velhos, especialmente caipiras e de-côr, fôsse por sentimento real, fôsse para magoar a aprendiz, fôsse por quê fôsse. Tais sucessos mudaram a psicologia mansa e tolerante da infeliz reparige que, por mal-conseqüente estensão, principiou a odier indistintamente tudo quanto patenteava visos de estrangeiro, desfechando tristemente em esfriamento sentimental com o próprio Frederico, a alma incomparável de amigo e, diga-se (embora se não houvesse tratado do assunto), noivo leal, coisa rara na cidade maldita.

• • •

Anderam os dias. Passou ele o costureira.

Continuou a vida andejamente, empregando-se ora nesta, ora naquela casa de modas, mudando de-contínuo a patroa mas não a condição, brigando sempre com as madamas que lhe pagavam, como a tôdas, uma ninharia e, não raramente, exigiam demais, abusando em serões e outras irregularidades que permaneciam regulares.

«Apelar para quem? O estado liberal não tomava conhecimento do assunto. Sempre resultavam em droge as tais greves em que indefectivelmente surgiam caras patibulares de estrangeiros.

Entrou a trabalhar por tarefa para certas casas, as quais lhe pagavam 10\$ para cobrar o trabalho de 100\$ aos fregueses ou freguesas, fazendo concorrência desleal às casas nacionais, graças a explorarem mais afoutamente o suor das operérias que de qualquer maneira, pouco ou muito, precisavam ganhar. Dias havia em que entrava meia-noite a dentro tocando a máquina de costura, multiplicando as tarefas para multiplicar o salário.

Via colegas fracas ou desesperadas, já predispostas pelo ambiente imoral de certas casas, arrojarem-se na perdição, amiúde seduzidas pelos próprios fornecedores de serviço, vendendo, ao invés do trabalho das mãos, os encantos físicos, caminhando, de desgraça em desgraça, dessa prostituição sêmi-velada, para os prostibulos e, finalmente, para os hospitais.

E crescia-lhe, crescia-lhe como a pororoca urrante do rio-mar, crescia-lhe espantosamente o ódio ao estrangeiro, sem distinção.

— "O estrangeiro, quem a maltratava! O estrangeiro, quem a roubava! O espírito do estrangeiro quem criava no Brasil o desprezo e a diminuição da sua Raça mestiça!" — pensava ele confusamente, na sua incultura, pois o estrangeiro branco, com raríssimas exceções, e odiosíssimas exceções, não traz preconceito racial à América, senão que vem encontrá-lo, aprendê-lo, adotá-lo, esposá-lo dos mestiços de mil dinamizações indecifráveis que povoam estas terras de Nossa Senhora. Verdade é que, em aprendendo, ficam os estrangeiros piores do que os brasileiros brancos, porque são ainda mais hipócritas. Não lhes cabe, todavia, a grande culpa do crime.

* * *

E, por dedução, rompeu Joaquina com o seu bom patrão e amigo de infância, o fiel e inocente Frederico.

— Sim, Frederico! — vomitou ela no último encontro — você é do partido deles. Não pode deixar de ser. Você é falso, tem de ser falso como eles. Mente com os olhos, mente com a palavra, mente com os atos. Mente, mente sempre!

— Joaquina! — Você está louca, menina? Não seja injusta!

— Sim! Se não mente hoje, mente amanhã. Nunca se pode ter certeza de quando você... digo, vocês são sinceros. Calam na frente, mas rosnam por detrás, atraindo-nos como os cães patifes.

Foi o fim.

Mudou, para perdê-lo de vista, sem comunicar-lhe o endereço. Assim, ele não a encontraria mais, nunca mais!

não lhe mentiria mais! não a traiçoeira mais! não na esperaria mais no ponto do bonde!

— Que se fôsse! Que desaparecesse! Que sumisse! Que fosse para os quintos! Não a interessava mais. Raça de hipócritas! Raça de ladrões! Raça de interesseiros! Por dinheiro fazem tudo e vendem até a honra! Raça de vboras! Gringos infames!

E chorava ao apastofar veementemente. Padecia. Notava-se que algo muito íntimo, muito precioso se lhe derancava do coração.

Lutara Frederico para vencer-lhe essa atitude inesperada, extremista. Não pôde. Parecia que, na alma, no coração de Joaquina, quatro séculos de dor amaríssima contida; de tragédia silente; de revolta sopitada em conformidade cristã, batuque, salões e cachaça; de trabalho inútil e de esperança iludida em liberdade hipócrita e sem lastro, — todos os silêncios avitos rugiam cataclísmicos e impetuozos como cem crateras de vulcões furiosos. Estava terrível, demoníaca na sua conclusão macabra.

Era o fim. Fim irremediável. Fim irrecorrível.

Frederico meditava silencioso, sempre só.

— Teria razão Joaquina? Mas ôle não era nada daquilo que ela lhe assacava ao rosto. Tantos eram os culpados... e ôle era o Judas único a opanhar. Por desgraça, tornara-se apenas um símbolo para Joaquina. E Joaquina mesma, quem era? Outro símbolo! Triste papel o a que se reduzira o apaixonado! — um símbolo! um desgraçado símbolo!

CHUVA TEIMOSA

A chuva está batendo na janela
para scordar lembranças muito antigas.
¿Quem vindes despertar, gotas amigas?
Minha saudade? Coitadinha dele!

A chuva vai batendo na janela,
¿Ninguém lhe atende? Oh! chuva, não prossigas!
Tange aquelas janelas inimigas
doutra casa distante: de amarela.

Se algo lá conseguires, vem depressa
com teus úmidos dedos à vidraça,
para contar-me a grata novidade.

Que impertinência e teimosia é essa!
¿Achas decente ou achas que tem graça
saudades ter de quem não tem saudade?!

• • •

Deu-se finalmente por vencido.

Triste e saudoso dos bons tempos ingênuos do sítio e daqueles dias venturosos em que a levava para casa e a confortava como podia, lá rumava, afim de iludir-se, com destino ao ponto do bonde onde ela chegava outrora enchendo a noite do seu sorriso grato e esperançoso de melhores dias.

E esperava... esperava aquela que sabia não vir mais, nunca mais.

— ¿Quem sabe se se arrepende um dia do que me está fazendo? pensava. Quem sabe.

E esperava com ânimo... esperava sem ânimo... esperava... desesperava.

E em seguida voltava para casa, desconsolado.

Todos os dias, viam os circunstantes (mais ou menos os mesmos sempre no ponto e horas) aquele moço inquieto a estar ali um, duas horas e depois ir-se embora sem nunca tomar o bonde que, parecia, em-vão esperava.

Ero, para todos, o esquisito "ESPERADOR DE BONDES".

Ousou alguém, certa vez, interrogá-lo sobre a antiga companheirinha com quem se encontrava no local.

— Morreu! — disse, e não continuou a conversa.

Um dia, afinal, não apareceu mais.

Recolheu-se ao silêncio das conformidades irremediáveis, cemitério dos fracassos sem conserto.

VELHO BRASIL SAGRADO

Nós não somos no mundo uma parada inglória de babel de nações. Somos uma Nação, feito por três nações que, numa longa História, crearam para nós soberba Tradição.

E' tal Passado, ó Irmãos, que faz a nossa glória e dos sangues de além a quem demos a mão. Crearam o Brasil, de vitória em vitória, lusos, negros, brasis, em sagrada união.

Façamos, pois, calar-se a voz cosmopolita dum Brasil "a ser feito" — a mentira que grita afrontando acintosa os mans dos Avós.

Repilamos formais, com punho e voz viril, os que traem o Passado e traem também a nós negando a Tradição do avoengo Brasil.

Decorreram, pesados desse silêncio das tumbas vivas, dias, semanas, meses, anos.

Amanhecera lindo e engalanado de sorrisos aquele dia, e assim prosseguira até além das doze horas, com esplêndido sol que projetava sombras nítidas das casas, dos postes e arranha-céus.

Algo parecia que tinha de acontecer naquele dia. "O coração pressago nunca mente". Sentia-se feliz, alegre e triste ao mesmo tempo, o desenganado Frederico: os bondes continuavam a chegar sempre e sempre vazios... Todos os bondes. Malditos bondes. Sim! ela não viria mais! Não viria! Mas, como é que duas pessoas amorosas (ou que o foram) deixam de se encontrar por tanto tempo, morando na mesma cidade, freqüentando o centro ao menos de quando em quando? Parecia coisa diabólica. Coisa diabólica! Afinal de contas, o diabo existe: isso é que não há dúvida. E influe na vida da gente, no coração da gente... Cuidando nisso, anuviava-se-lhe o rosto. As-vezes também o diabo é uma mulher inimiga ou amiga, um homem canalha.

— Ah! Joanelha! Joanelha! Qual é o demônio que te vira contra mim?! Qual o diabo que te cerca dos meus caminhos? Qual o santanês que te impede o vermo-nos e falarmo-nos. Maldito seja esse demônio e nunca tenha paz!

Ao terminar êsses pensamentos estranhos, sorriu dentro em si.

Lá pelas três da tarde, súbito, ineditivinhável, armou-se

tremando temporal no céu dúbio e traiçoeiro, surpresa ingrata à cidade toda. Desabou rumorosa tempestade que o obrigou a recolher mais cedo, a mudar a roupa ensopada do aguaceiro imprevisto. Célere, entretanto, alimpou-se a atmosfera.

— Minha vida tem sido mais ou menos isso. Especialmente a minha vida interior. A pobreza... O abastamento... a miséria... a renovação... Caipira... Cidadino... Namorado...

Chegou fora do habitual horário ao ponto do seu ônibus.

E quem estaria lá? Joaquinha!

Saudou-a, pediu licença ao entrarem no carro para sentar-se (alvorçado) ao lado dela. Falou-lhe em surdina, pois os bancos ao lado têm ouvidos. Como que a recriminava:

— Joaquinha, ¿por qué me fez tudo isso?

— ¿Tudo isso o que?!

— Joaquinha! você pergunta?! Quer parecer-me que até a delivaram na cadeia para não mais nos vermos, não nos falarmos, não nos encontrarmos, não conservarmos os velhos sentimentos. ¿Esteve realmente presa? — terminou brincando.

Entretanto, o inesperado "¿Tudo isso o que?" ecoava-lhe ainda aos ouvidos pasmados.

E o coração dele, homem leal, de caráter, de uma só palavra, confrangeu-se revoltando-se ao mesmo tempo com o insólito "¿Tudo isso o que?!"

Não terminara, porém, o cálice que havia de ingerir.

— Além do mais — murmurou Joaquinha com fingida sinceridade — eu nunca gostei de você, Frederico!

— Joaquinha!

Foi essa uma exclamação explodida de dentro dalma, com uma força de verdadeiro espanto dificilmente contida na calma suavíssima duma entrevista em carruagem pública.

— Sim! — continuou Joaquinha cínicamente — Jamais o amei! Se você entendeu que o amei, se eu lhe dei a entender isso, sinto muito! Aliás, não posso gostar de estrangeiros. Sinto muito!

— Sente muito! Mas você está mentindo! Você é falsa, Joaquinha! Você mente. Não é mais aquela criatura leal, simples, sincera, que conheci há tanto tempo. — E ele, parecia-lhe que ia morrer, embora aparentemente calmo e indiferente. — "Sinto muito!" é o que diz. E você, minha amiga, você mentindo assim à face de Deus que nos vê, ¿espera ser feliz nos seus caminhos?! Ah! Joaquinha! Peça a Deus que não a castigue por essa perversidade. Como você se tornou má! Como a estragaram! Bem temia eu que esse afastamento forçado que nos impuseram acabasse por destruir em você o nosso amor. Sei que é fraca e inconstante a maioria das mulheres... Quer dizer que ela triunfou!

Tentou Joaquinha uma convêrsa indiferente, que ficou deveras indiferente a ele.

Em descendo a jovem do ônibus, foi-se embora também com ela tudo que por muitos e longos anos, acalentado em esperança inútil, fizera pulsar o coração do rapaz.

No ônibus, meditando, exprobase-se o ater-se assim perdidamente à ingrata Joaquinha que, ponderando bem a realidade, não era nada e nada representava. Quando muito, uma recordação inane e uma saudade vazia dos tempos de menino: vira-a crescer a seu lado.

Que contradição a vida! ¿Não o amava Célia, a culta filha de brilhante magistrado? ¿Não lhe queria tanto

a meiga, a rica e piedosa Nena? Não o adorava a Leônia, futura musicista e cantora? E até (cismava sombrio) não o requestava doudamente a tentação abismal e adúltera de Marta, a linda e opulenta estrangeira que um dia éle, novo José do Egito, se vira obrigado a expulsar de junto de si?

Deveras! Mas não lhe adiantavam argumentos lógicos e coerentes alinhados em ordem de batalha contra o coração: éle gostava era mesmo da Joaquina pobre que não tinha nada, não representava patavina de concreto... e, agora, nem fidelidade.

Por esta razão, morreu nesse dia o antigo Frederico. Ia um outro iniciar a vida. Não! não podia ficar com o cadáver pôdre daquele amor desgraçado a entorpecer-lhe o coração como peste infernal. Era mister esquecê-la. Buscar novos caminhos, que os havia de sobra. Não deixa de correr para o mar a água desviada por mãos iníquas do álveo primitivo.

Não existia mais a Joaquina de outrora que éle teimara em esperar como louco: morrera no meio das infâmias dos homens e mulheres más e sem alma, corruptores da lealdade espontânea, dom das almas grandes.

Joaquina era morta. Fizera bem em dizê-lo ao pessoal do ponto do bonde. Fôrça era que igualmente morresse o Frederico de antes. Isso, éle o faria, pois não.

Passou entrementes uns dias amargos, mais silencioso que de ordinário. Adoeceu. Mas reagiu, e a vida se foi normalizando. Ocorria etacarem-no crises de ódio a toda gente, sobretudo a mulheres.

— "La donna è mobile! Muta d'accento e di pensier!"...

Mas passavam êses delírios da mesma forma que o temporal do dia aziago em que Joaquina mantiu...

E a bola do mundo continuou a rodar.

NOVO JACÓ...

Novo Jacó, eu esperei sete anos
que algo a minha desdita consertasse
e, após tantos estorvos desumanos,
um'outra vida à minha se ligasse.

Mas o Senhor voltou-me a Sua face
e agiram contra mim ferros arcanos;
não aceitando a Lia que me amasse,
só de Labão fui recebendo danos.

E, quando o dia veio em que Raquel
me coubesse do longo pastoreio,
Labão não vi, e a Amada era infiel.

Vivi sete anos vãos, sem alegrias;
e, preso a ausente amor e em falso enleio,
pela Raquel perdi tôdas as Lias.

* * *

Quanta coisa diferente na vida de aparência sempre igual!

Pulsa um segredo impenetrável em cada pessoa que se nos depara no caminho.

Cada alma constitui um mundo aparte. As almas, como os anjos, não pertencem a uma espécie: cada-uma é outra, efeito cada-uma de especial criação divina. Se se lê a alma nos olhos, como reza o provérbio, tal leitura semeia a visão do espelho: puramente externa. E indevasável o profundo dalma. Se a amizade dependesse da revelação total da alma, não houvera amizade na terra. Demais, há no escrínio dalma mistérios indefiníveis, que se não transmitem pela palavra. Pobre palavra humana! O verbo interno fecundíssimo esbarra debalde com tua forma.

Quanta coisa diferente na vida de aparência sempre igual!

Morrera nhô Camargo, em desastre no emprêgo que arranjava. E ficou por isso mesmo.

¿Que é que valia um pobre brasileiro em seu País?!

A espôsa, que até então sustentara o justo e nobre capricho, tão nacional, tão cristão, tão humano, tão "social", de mulher trabalhar somente no lar, foi atirada viuva ao redemoínho da vida desgraçada de uma senhora só, sem apoio de homem, tentada não unicamente nas idas e vindas diurnas, e noturnas sobretudo, dalguns empregos, mas também pela canalha nefanda de homens de aparência respeitável, patrões infames e seus filhos, tôda a catervagem dos burgueses e varões da alta sociedade, fúmulos

caçados que conservam apenas a fachada cristã para serem mais velhacos.

Trabalhou, padeceu, cansou-se, estafou-se para ganhar uma miséria de salário ridículo. Fez de cozinheira, arrumadeira, lavadeira, etc.

Ninguém, mas ninguém mesmo, percebeu aquela desdita inominável, que foi terminar na Santa-Casa "onde não havia lugar" e, quem sabe, nãa mesa de estudos médicos, sem que pudesse Joaninha sequer tomar-lhe a última bênção e assistir ao amortalhamento.

E que mulher havia sido dona Zita Camargo!

São essas virtudes domésticas ocultas, aureoladas dum nimbo secreto, que se não reconhece do mundo.

* * *

Ficou sózinha a moça, e para todo o sempre apartada de Frederico.

Empregou-se de arrumadeira em várias casas distintas, "de tratamento" como anunciavam os jornais, das quais se despedia ao-depois de sustentar luta desigual com patrões e filhos de patrões: não queria ser camarada com eles... como certas imigrantes de língua travada que começavam e aportar. Outras casas quási matavam de fome os empregados. Raras eram aquelas onde se desse tratamento humano aos domésticos.

Nesse tom decorreu a vida durante alguns anos angustiosos, salpicados de calmas fugitivas.

Não é uma sociologia divinatória quem pode constatar esses fatos.

Mas, iquê mais se pode dar com uma penúria tamanha de vida interior, como há em nossa Terra e Nação?

Na falta dolorosa de educação profunda do alma, sobrenaturalizada: adstrita a vida a uma religiãozinha barata de devoçõezinhas piegas, festas sêmi-pagãs e sem respeito que muitos confundem com Catolicismo desconhecendo-o na essência, não se consegue aquela paz luminosa e santa dos católicos perfeitos.

E a coitada da Joaninha, na carência doutro socorro à ansiedade interior (que os não conhecia), sentindo o peso intolerável do "vae soli", ai de quem é só!, deu para buscar esquecer ou afogar a tragédia crua da sua família em festas mundanas, como bailes, passeios bulhentos, convêcotes, tôdas as funções de multidão barulhenta e despreocupada. Afigurava-se ser plano sinistro de alguém matar o povo de-côr sufocando-o nessas baiucas hedonísticas, que proliferavam nos "buracos da onça", conforme a jira de malandragem.

Odiando o estrangeiro, dividida dos meios superiores de nacionais, vivia em bailes nervosos de gente-de-côr, pululantes e ululantes, onde se cogitava exclusivamente do prazer terpsicóreo, sem mais preocupação que o mero gôzo dos sentidos, a febre inata do ritmo, — néctar olímpico para o sangue ardente, tão mal aproveitado, de tôdas as gemas agitadas do afromestiço forte (quando são), dominador da nossa plebe.

Fábrica de tuberculosos, vadios e perdidos, eis o que era a festa predileta da antiga campônia. Porões e salões-de-baile, eis os dois agentes da peste branca no meio negro. O negro nasce nos porões, cresce e adocece nos porões e nos salões, e morre nos porões. Parece um programa. Talvez o fôsse.

Eis-aí aonde se foi meter, sem-escola e tôda confiante,

a nossa Joanninha, completamente ignorante do ambiente em que se mesclava. — Poderia acaso ser traída pela sua gente?

Dias havia ou, antes, noites, em que saía derroada, moída, fatigadíssima, das alvoroçadas reuniões das salas geralmente exploradas por brancos e estrangeiros. Não queria, aliás, ter cabeça para pensar em mais nada.

— Para quê pensar? Não adiantava. Voltavam sempre aqueles mesmos temas, aqueles mesmos juízos, aqueles mesmos raciocínios desgraçados, tenebrosos, becós sem saída.

— Para quê pensar?!

* * *

Mas... — Poderia acaso ser traída pela sua gente mesma?

Sinistra ilusão e negativa.

Pois foi um negrinho de cabelo esticado, de olhos grandes e tentadores, fala melíflua, sempre bem trajado, muito mais velho do que ela, cabo-eleitoral perito em tôdas as impunes calçaerias, quem, apertando cada vez mais um assédio perverso e manhoso, pôs a desafortunada na vida trágica dos alcouces, logo após a fatídica iniciação.

— Onde é que está a sinceridade neste mundo? Tudo hipocrisia! Tudo mentira! Não há refúgio seguro no meio dos homens! — soluçava ou, melhor, monologava revoltada a ex-metute.

Rendeu-se. Afêz-se à má-vida.

Era de ver a bela mulher, na plenitude do desenvolvimento, de formas esculturais e impecáveis, esplêndidas, seios

fortes e nutridos, glória das mulheres mestiças, quando em sanidade plena. Uma bela criatura de Deus!

Mentiu de amor aos homens alucinados pela sua beleza fascinante, pisou paixões e dedicações insanas, zombou de tôda gente, porque não acreditava em mais ninguém neste mundo... e quási se poderia dizer que nem no outro. Raro, chamava por Deus, por Nossa-Senhora, confôrto antes postuído. Mui raro!

Também era só. Afastaram-na da Religião dos avós, aqueles que dela, da Religião, fizeram capa de fariseus patifes e velhacouto de interésses e preconceitos subaltemos. E, dêsses, havia-os em tôdas as ordens da sociedade, apostatada das obras da Fé.

Não cria na amizade nem no amor sinceros. Não cria em nada e em ninguém.

Tudo perecera no mundo, para ela. Só existiam Joanninha e os interésses de Joanninha.

— Sempre que faço o bem recebo pontapé. Sempre que fiz o bem recebi ingratitude. Quando falo a verdade me prejudicam e até não acreditam em mim. Os que se dizem meus amigos, os que dizem gostar de mim, não me fazem nenhum bem, pelo contrário me magoam. Os que me pedem emprestado não me restituem e ainda ficam de mal comigo. Os que me protestam amor, apenas me desejam.

Não gostava de ninguém e ninguém gostava dela.

Em função dessa filosofia, ia vivendo, sem acreditar no valor da vida.

LEMBRETE

Depois do mal atroz que me causaste
— o mundo gira tanto! —
não temas nada, não!
Se um dia te ocorrer o que nunca pensaste
— e o mundo troy, no entanto! —
bate à porte de casa, e acharás um irmão!
Mas, então,
não me queiras lembrar do mal que me fizeste,
nem me peças perdão;
em mim, só haverá vontade e inteligência,
pois tu me destroçaste o que era coração.

PARA, INFELIZ!

Tu que pões em leilão tua beleza,
tudo o que Deus te deu de formosura,
por desespero vão duma pobreza,
mal transitório ou que nem sempre dura...

pêra, que perderás, na vida impura,
contrária à lei de Deus e a natureza,
tudo quanto à canalha dá loucura
e a ti tôda paixão conserve presa.

E, quando o excesso ou doença do lenteiro,
ou a idade imperdoável, te rouber
o esplendor do teu corpo alviçareiro,
— não terés, para a hora irremediável,
o beijo do amor certo, o encanto amável
dum pobre, um santo, um carinhoso lar.

* * *

Espreitava-a, porém, no fundo da vingança imanente da natureza, o morbo infando e purulento, a doença da lama, a geradora de sepulcros vivos, a devoradora das nações empestadas pelo desrespeito ao sexto mandamento, a enfermidade multiforme e dominadora que são as fezes medonhas do cálice embriagador do prazer da carne. Enche os hospitais, manicômios, penitenciárias e cemitérios. Engendra os duros de coração, os corações impermeáveis à Graça, os impenitentes, os perversos, os sórdidos. Povo a terra de tarados, raquíticos, tontos, irresponsáveis, abúlicos, idiotas, indolentes.

É uma das pragas do Apocalipse. Acaba despovoando as nações, depois de havê-las enfraquecido e populado de múmias.

Padece-a Joaninha.

Sombra já é da deusa provocadora, egoísta, que passeava senhoril pela Cidade a riqueza deslumbrante do seu viço e fascínio, esmagando satânica e com sadismo conciente os preconceitos criados contra a sua gente negra, humilhando os brancos e em especial os estrangeiros que se deixavam fascinar pelos seus filtros.

Tudo fôra, no entanto, artificial. Tudo fôra pensado e querido com a implacabilidade de uma idéia fixa terrível, indomável. Nem soubera usar da "prudência da carne", guardando como convinha algum dinheiro para os maus tempos que fatalmente estão marcados na caducidade humana. Na sua dor, ocorria lembrar-se de Frederico, "o coitado do Frederico", pensava ela. Procurava, ao serem

por assim dizer invencíveis as recordações, embebedar em cachaça a inatural perseguição.

A despeito da sua decadência, da aversão a toda a humanidade, sala uma vez ou outra, sem mais causar espasmos de maravilha, sem levar ciúmes a ninguém, já então desconhecida e irreconhecível, sem prender a vista cúpida e imbecil dos basbaques idiotas, moços e velhos, que se postavam pelas ruas do centro a espiar mulheres e assoprar gracejos pouco românticos. Motivava, pelo contrário, piedade a alguns e algumas, e gáudio descaridoso a muitas, quando identificada. Detestava o ser reconhecida. Quisera retirar-se da vida tão desconhecida como entrara calpirinha na Capital, havia tantos anos. A vida lho negou. Negara-lhe tudo, cria ela. Tudo fôra um simples arremêdo, nada mais.

Passava uma noite pelo salão onde, poucos snos antes, dançara tanto.

Já nem guardava saudades,

«Quem as tem do abismo aternal do qual lhe adveio e ruína da vida?»

Ouviu movimento, e porta estava patentemente aberta, entrada franca...

Um não-sei-quê, mistério da vida de todos nós, a impelia para dentro.

... Entrou!

E não era baile! Estava à cunha o salão.

Que maravilha! Negros juntos... e não era para dançar: admirável! extraordinário! Que seria?

Sãemos da grande revolução de 30. O ambiente mu-

dava. Davam-se largas às idéias novas e progressivas. Surgiam projetos por todo lado. A Nação voltava a interessar-se por seu destino após mais de quarenta anos de trevas. Agitavam-se ideais disparatados, desde o não-monarquismo da Pátria-Nova até à república do Komintern. Todos queriam salvar o Brasil, com o desfôgo trazido pela mudança de regime.

«Quê seria aquilo?»

Um orador negro, fozoso, sentenciava:

— E urgente o trabalho de redenção do negro brasileiro! Completar o 13 de Maio! Precisamos salvar a nossa Gente das mil desgraças em que vive. Salvação espiritual, salvação moral, salvação mental, salvação econômica, salvação física! Contra todo preconceito: do branco contra o negro e também [ouvi, meus senhores!] DO NEGRO CONTRA O BRANCO! Porque, minhas senhoras e senhores, também êste, o preconceito do negro contra o branco, embora mais raro, pode existir e freqüentemente existe.

Tratava-se de um propagandista da "Frente Negra Brasileira", associação nacionalista que um grupo de "agitadores" apixonados, tendo à testa o operário Francisco Costa Santos e I. V. S., cogitavam de fundar, e o seria oficialmente em setembro de 1931, com aplauso das autoridades novas.

Certamente, nem todos ali compreenderam o alcance das derradeiras palavras do discursante. Um grupinho do lado, pertencente sem-dúvida à eterna turma dos derrotistas ou dos interessados em mal confessáveis pescarias, comentava contra:

— Eu não vou nessa!...

— Deixe de ser bêsto, seu! Isso acontece mesmo. Nós

estamos aqui para dizer a verdade e não para dar palpite errado. Não quer ouvir, dê o fora!

— E' difícil fazer tanta coisa! — murmurava outro. — Não temos gente capaz de realizar esse programa. Negro doutor não se mistura com a gente! E eles é que podiam fazer isso, nós ajudando está claro!

— Mas negro sabido quer só comer!

— Não; há alguns que não são assim.

— Estou pra ver. Vendo e acreditando, faço força.

A toda essa dialogação ficou alheia a morena Joanhinha, que tôdas as lágrimas perdera na voragem pungente da vida bravia; sentiu umas gotas ardentes, vulcânicas, queimarem-lhe os olhos como lavas.

... Do negro contra o branco! O caso dela!

Soltou um grito lancinante que alvoroçou toda a multidão agora silenciosa.

Não pudera conter-se. Fôra espontâneo.

— ¿Por quê deixaram entrar uma mulher bêbada aqui no salão? Isso desmoraliza logo no começo! — proclamou um zelote.

— E' o meu caso! — declarou chorando, sem que ninguém atinasse com o motivo.

Sim: era o caso dela! Desprezara o amor verdadeiro, cristianíssimo, do branco Frederico, e ficara perdida por "sua gente", pelo negrinho sem-vargonha, cujo nome nem merecia lembrado. Não foi por riqueza, por interesse baixo que o desprezou... mas porque era branco... branco e estrangeiro na concepção sua.

Mas a culpa não era dela (pensava)! De quem então? De quem? Não sabia explicar. E acudiu-lhe uma solução simplória:

— Do govêrno! pronto; dêsse maldito govêrno que caiu merecidamente; dêsse govêrno que não via e não valia nada! Não olhava pelo Brasileiro; não defendia a gente; não ensinava direito a gente; deixava que a gente aprendesse apanhando; não gostava da nosse e sua Raça!

Era só o que podia dizer!

— Agora é tarde! — soluçou. — Eu, se pudesse, ajudaria uma sociedade como essa, que vem abrir os olhos da gente, fazer o que o govêrno não fez. O govêrno foi também culpado de eu ter dado o fora no Frederico... Se eu soubesse! Mas, quanta coisa não sabia! Eu não sabia mas é nada! Andei sempre cega, como barata tonta por causa do fogo. Afinal, tudo acabou e eu, sem pai nem mãe, sem amigos, sem ninguém, estou pra pouco neste mundo que não passa de miséria, ilusão, desgraça e um mundão de injustiças.

Abriram-se as cataratas do céu precisamente no momento de terminar a sessão. Acudiu à mente de Joanhinha uma tarde preferita, já tão distante pela densidade dos fatos desenrolados.

Não cessara ainda o escoamento das enxurradas e no alto do firmamento, até aí escuro, rompeu alvíssima da cortina cinza das nuvens a lua crescente.

DOUTRINA E FATO

Eu vos lastimo, corações sensíveis,
pobres plebeus, filhos da multidão,
negros humildes, cuja dor a horríveis
termos levou: — descrever da Religião!

Quanta miséria de cristãos — possíveis
vos fez tal resultado e solução!
Como, para isso, amputações incríveis
sofreu na estância a vida do cristão!

E, quando eu vou dizer-vos, muito a-jeito,
que essas ações, orgulho, preconceito,
não são (como o não são) da Igreja Santa,
— olho em torno de mim, duvido e tremo:
tantas infâmias vejo, e a tal extremo,
que a voz me fica presa na garganta.

* * *

Choramingava uma noite triste, escura, enfarruscada,
gareanta, desagradável, dessas em que não dá vontade
alguma de sair à rua.

Talvez, não fôra a obrigação terminante do serviço
premente, nenhuma dessas pessoas a passar depressa, ver-
gastadas pelo ventinho frio e molhado, se arriscaria ao he-
roísmo de arrostar com a umidade dos passeios e da atmos-
fera.

Constituem-se os trabalhadores e apaixonados donos
como que exclusivos dessas noites frias e incômodas da
cidade piratiningana. Estes, vamo-los impávidos pelas por-
tas mudas, às penumbras quietas e nos parques ciciantes,
colados freqüentemente às companheiras, mentindo quiçá
às pobres donzelas inceutas e confiantes que o amor ou o
desejo de casar impelle ao colóquio importuno, ora inocente,
ora perigoso. Máxime nos bairros proletários, onde há mais
riscos mas também mais casamentos, e muitos filhos.

Outros vão tangidos de necessidades urgentes, intrans-
feríveis.

Em catre miserável, num porão baixo de bairro próxi-
mo do centro, jazia misero trapo de mulher. De quando em
quando, se mexia um pouco, gemendo baixinho, medrosa de
causar transtôrno.

Atendia-a aquela que fizera a caridade rara de reco-
lhê-la consigo: uma velhinha portuguesa muito religiosa que,
pelos modos, nada possuía de seu neste pobre mundo.

Pelas janelas dando para a rua, sentia-se um bafo re-
pugnante e malsão, como (impercebido pelos de dentro)
geralmente o exalam êsses criminosos porões que senhorios

gananciosos alugam a famílias operárias, amarradas à precisão de habitar no centro; porões geradores e propagadores da peste-branca, contra a qual tanto se arenga academicamente, sem matá-la em um dos seus peores focos — esses túmulos urbanos, onde se amontoam famílias obreiras: os porões, os malditos porões!

• • •

Pendurava-se, no meio do quarto morboso, uma alâmpadazinha de poucas velas.

Em banquinho à guisa de criado-mudo, perto do catre, uma chicara com água sustentava u'a marquinha acesa à cabeceira da doente.

As vinte-e-uma horas, bateram à porta da casa.

Atendeu a moradora do andar superior, se é que se chamaria andar ao porão. Era a senhora do proprietário da residência.

— 'E' aqui que está morando dona Joana de Camargo? — perguntou delicadamente um moço envolto em cômoda capa.

"Dona!", (pensou consigo o modo de despeitada a senhora). "Dona" Joana! (reprovou baixinho).

¿Pois haveria ali alguma outra dona, a não ser ela, a ilustre dama proprietária da casa?! ¿Não é o dinheiro, novo rei desta época feliz, rei arrivista que faz donas até as rameiras?!

— Não sei. Deve ser aí no porão! — respondeu então às brutas a matrona excelentíssima, e bateu imediatamente o porto.

Entretanto, sem se agastar com a intempestiva estupi-

dez do "segundo" andar, empurrou o rapaz o portão da rua, entrou e bateu na portinha da "caverna".

A velhinha portuguesa, muito humilde e atenciosa, abriu:

— Ouvi-o perguntar pela Joaninha! — foi ela dizendo. — 'E' aqui mesmo, senhor meu! Coitadita! Está male! Eu cá me não engano! Na santa Terra, trabalhei na Misericórdia, e assisti tantas doentes! Desculpe-me o que lhe fez a senhora lá de cima. 'E' um bocado nervosa: não leva a male!

— Não tem importância, minha senhora. A senhora não cabe culpa alguma por isso. ¿Pode-se falar com Joaninha?

— Pode-se, pois-não, senhor! A gente, em não tendo ninguém no mundo, agradecemos de boa mente a quem quer que nos venha a nós. A Joaninha é só neste mundo de Deus. Não tem amigos nem amigas. 'E' o sr. a primeira e (praza a Deus me eu engane!) talvez a última visita recebida por ela. Ninguém houve atêgora que a visitasse. Pode vir ter com ela. A coitadita atende bem.

O jovem estava comovido.

• • •

Que diferença enorme entre a vastidão ôlaque do ambiente em que cresceram e se fortaleceram felizes em contacto com a natureza, e aquela estreiteza mesquinha e abafado de porão nauseante!

As campinas abertas ao ar e à luz, os campos ressendo a capim catingueiro; as matas frondosas e múrmures do chilrear das aves; os pomares trescalantes das flôres de laranjeiras, dos jambos e das baunilhas; os cercados das

pastagens onde se ia à busca das gostosas guabirobas, dos araçás picantes, das goiabas silvestres e das peludinhas doces; as colinas ensolaradas e as montanhas varridas de favônios refrescantes e perfumados; o sol em jorros áureos faiscando nos riachos, a luz desanuviada, a vida em tudo.

Evocou os cheiros acres da floresta, os sons das águas correntes, a fresquidão das sombras saudáveis, os mergulhos nas ribeiras límpidas, as manhãs excitantes e os crepúsculos dormentes, feitos para sonhar impossíveis sucessos futuros. Chamou evocativamente à memória as figuras esbeltas dos dois caipirinhas simples a correrem juntos, às vezes de mãos-dadas, pelos carreiros e pelas rampas, livres, ágeis, risonhos, apostando páreos. Agora...

— Joaquinha! Joaquinha!

A enferma estremeceu, e perguntou, já adivinhando:

— Quem é?

E a voz cava procedia dos abismos do seu ser derreído. Parecia distante, cheia de mistério e terrores, carregada de angústias indizíveis.

— Quem é? Quem é?

Fazia dez anos que afastara de si uma doce voz amiga.

Em seguida ao execrado acontecimento que lhe mudara o destino, viajara muito pelas grandes cidades, até estrangeiras, cumprindo o fadéio desditoso de mulher pública, explorada pela ganância tórpe dos proxenetas internacionais. Era quasi menina, então. E quasi de menino, igualmente, a voz que amara um dia.

Agora, imersa em sêmi-consciência e sêmi-sonolência, sonhava com o passado que, ao contrário da realidade, tomara sentido lógico: casara com o Frederico, o qual, por magias deleitosas do sonho, se afigurava príncipe europeu,

esplendendo ela como a mais bela das princesas morenas do Brasil, a preferida do gentil dinasta.

No meio da festa do consórcio, entre as flôres, as músicas e os risos simpáticos dos convivas, entretanto que antevia futuro inefável na prossecução do sonho ilusor, bál-samo dos infelizes, soube-lhe a voz de chamada, despertando-o:

— Joaquinha! Joaquinha!

— Quem é?

— É Frederico que a vem visitar.

— Frederico?... Perdão, Frederico! — Era um fio de voz que morria definhando como a linfa agonizante de um córrego nordestino. — Você foi a única pessoa que, fora meus pais, a Costureira Triste e essa boa velhinha da última hora, gostou de mim neste mundo. Perdão, Frederico! Não sou digna de você. Fui uma ingrata, uma criatura vulgar, e eis-me hoje miserável mulher perdida. Não soube ser a juriti que você sonhou. Mas peguei caro a minha ingratidão para com você. Dura experiência inútil!

— Apesar de tudo, eu nunca lhe quis mal, Joaquinha. Sempre rezei para que você fosse feliz. Tive meus arrependimentos, é verdade; mas sempre os vinguei de mim-mesmo pedindo muito por você.

— Inútilmente, Frederico! Deus marca certas pessoas que nunca devem ser impunemente ofendidas, humilhadas, e uma dessas pessoas é você. Sim, é você! Perdão, Frederico! eu compreendi tarde. Foram os outros que me transformaram o pensamento ignorante. Foi a hipocrisia, a malícia de tanta gente boa... gente que eu acreditava e devia acreditar ser boa! Só tive a desgraça de ver maus exemplos por toda parte. Assim, a minha culpa foi, em

grande parte, por culpa dos outros! Perdão, Frederico! O Brasil (e todo o mundo onde andei) está tão cheio de injustiça! Ninguém pensa de-fato em Deus, a não ser para pedir coisas, coisas tantas vezes dispensáveis e vãs. Ninguém tom fé, Frederico, como os dois calpirinhas do sítio, como a minha e a sua mãe. Foram esses refalsados que mataram a minha fé. Não têm e não deixam que os outros tenham!

— Não se esforce tanto em falar, Joanninha! — obtemperou solícita a velhinha portuguesa. — Não lhe fará bem.

— Eu preciso aproveitar bem esta hora, minha amiga. É a última oportunidade. Frederico! não se espante com o que digo. Não é, não, para me justificar. Eu conheço os meus erros. Detesto o que fiz a você. Só. Os outros mereceram todo o mal, digo tôdas as lições que lhes apliquei à nossa moda, à moda dos matutos ignorantes. Só peço perdão a você! Você merece.

E Frederico não pôde articular palavra.

Chorou no fundo da alma. Escaparam-lhe umas lágrimas pelos cantos dos olhos. Mas borbultavam golhões de prantos amargos no âmago do coração pungido de dor.

Ninguém intuíra como êle as profundezas sagradas e brevías daquela alma sertaneja. Conhecia-a intimamente. Nunca pôde ela enganá-lo com palavras, porquanto lia o coração da antiga noiva... que nunca o fôra.

A quê se reduzira o seu sublimado ideal matrimonial: a perdição, a desonra, a vida desregrada, a doença irremediável, a morte da eleita!

Sim: a morte, porque se encarrancava ela soberana, inevitável, sobre o leito paupérrimo.

E aquele explicar-se, aquele pedir perdão, aquele justificar-se, e quê mais significavam senão o anúncio do fim,

quando cessam tôdas as inanes altivezes da soberba e vaidade da vida?

— Sou feliz — continuou ela — de vê-lo, antes de morrer. Porque não me levantarei mais daqui, Frederico. Ninguém me queira iludir, que eu já não sou mulher para ilusões. Só tenho chagas, no corpo como na alma. E estas me dóem mais do que aquelas.

— Cuidado, Joanninha! Sossegue, que o seu amigo voltará outro dia, se a Deus aprover, — aconselhou a velhinha.

— Tem razão, minha senhora! Não se afobe tanto, Joanninha!

— Não, Frederico! Eu lhe devo uma satisfação... Sou feliz de ver você a quem um dia menti querendo enganar a mim-mesma: você foi o meu verdadeiro amor que tive e morrerá comigo. Nem eu mesma o sabia antes. Sinto muito o haver sido falso e indigna de você! Sinto muito! E agora, se quiser, insulte-me, humilhe-me, proclame todos os seus agravos contra mim, que bem o mereço.

E corriam-lhe abundantes as lágrimas.

— Eu ainda sou cristão, Joanninha! — foi a resposta lacônica,

• • •

Segurou-lhe Frederico as mãos, diáfanas mãos de noiva de morte, e acarinhou-as, como noutros tempos. Sômente que, desta vez, era a ação piedosa do Samaritano.

Consolou-a e fê-la, com muito jeito, aceitar a visita dum padre amigo.

— Sim! por amor de você.

Prometeu-lhe êle, ainda, visitá-la... até o fim.

Embalde tentaria convencê-la de que recobriria saúde. Joacinho não tinha sinuosidades. Era rude, franca, e só mentira uma vez. Esperava a morte como desafiando-a a vir. Frederico a conhecia.

Despediram-se.

Estavam reconciliados no limiar da morte.

. . .

"Antes tarde do que nunca". "Antes nunca do que tarde"!

Qual dos dois provérbios valerá mais?

Pobres corações humanos provados dos contrastes fatais da vida tormentosa! respondam ôles a esta pergunta, que sós o podem. Cada-qual dêles guarda cioso, no recesso mais íntimo, um segredo inviolável... e êsse, exclusivamente êsse, possui uma réplica adequada a ambos os rîões. E estas verdades da vida, inutiláveis em tôdas as suas partes, se endereçam mui particularmente a cada-um dos corações humanos provados dos contrastes dela!

NATAL

Passam pretinhos,
passam mulatinhos,
passam caboclinhos,
passam pobrezinhos descalços e mulambentos,
por esta cidade grande iluminada,
cheia de ostentação exagerada
da riqueza dos outros,
suntuárias avenidas,
esplendor de confortos e de vidas,
vitrinas provocantes,
e preços denegantes.

E os pretinhos descalços,
e os mulatinhos descalços,
e os caboclinhos descalços,
e os pobrezinhos descalços e mulambentos,
mudos e cismarentos,
só têm olhos, olhos grandes, olhos rasgados,
grandes olhos rasgados e abertos,
olhos abertos e ávidos
para ver tudo...

São vésperas do Natal,
a festa dos cristãos.
Somos todos irmãos!

...
Ao chegar, no dia seguinte, o sacerdote acompanhado de Frederico e mais alguns jovens congregados marianos, toparam com um grupo de pretos e brancos aprestando-se para promover uma sessão espírita no quarto da enferma, com indiferença deste e contra a vontade ativa da boa portuguesa que se retirara indignada... para "chamar a polícia", explicara ela.

Não se realizou, contudo, a tal função abominada.

Ao ver acercarem-se o padre e os marianos, o chefe do grupo retirou-se com o "medium".

Ficaram porém os outros... para assistir aos atos católicos, julgando lá consigo-mesmos ignaramente que dava tudo na mesma.

A visita de Frederico tivera o condão miraculoso de restaurar a alma antiga de Joaquina.

Confessou-se contrita, comungou, recebeu piedosa e resignadamente a extrema-unção.

Agradeceu, chorando, a Frederico a sua fidelidade até o fim e, mais, muito mais, a preparação da sua alma para a ignota viagem.

Moribunda, pediu cantassem os marianos a ária santa que ela outrora entoara na saudosa capela da fazenda:

No Céu, no Céu,
com minha Mãe estarei!
No Céu, no Céu,
com minha Mãe estarei!

Cantaram todos, quasi soluçando.

Não lhes era oculta a história desditosa da ex-noiva do colega. Cantaram com alma, com a vivida e comunicativa esperança de crentes, cientes da imortalidade da alma e da final ressurreição dos corpos.

Entre esse canto da agonia, Joaquina expirou, empunhando a vela da Fé.

Todos caíram de joelhos, terminando as derradeiras palavras do hino.

Alguns, mais sensíveis, soluçavam alto. E entre esses a velhinha portuguesa.

Um único, impassível, mudo, já havia exaurido o pranto:
— o ESPERADOR DE BONDES!

Lá fora, fazia um frio de terra de exílio.

FINIS

SS. TRINITATI GLORIA!

Amostr's...

EPISTULA

Perguntas, meu amigo,
se é meu ideal a vida solitária,
se não hei-de buscar o quente abrigo
de um lar bem meu pra desferir uma ária
no dueto que depois se vá crescendo
com o trinar das vozes infantis
que Deus manda do Céu para outro céu feliz
— o Lar que a mãe natura ama e bendiz.

Eu não quero que julgues mal de mim.
Certo, emiúda pensei nas celas macilentas
e em ârmas solidões iluminadas, bentas.
Mas... vislumbrei, também, uns lábios de carmim.

E, por ser mesmo assim,
conto-te a história de umas poucas belas,
embora fira as mães de tôdes elas.
Como isto são histórias de mulheres,
incríveis de singelas,
crê-lo-ás se o quiséras.

Corina

Corina despertou-me o sentimento
com suas artes de mulher travessa,
com o jôvial da voz, com o portento
do riso eterno, às-vezes morto em cismas
soturnas, por impróprio que pareça.

Honrava-lhe a cabeça
a inteligência em flor.

Aliava a placidez e os cataclismas;
ere tôda um demônio e tôda amor.
Eu, tímido; ela, ousada. Isso nós dois.
E, entre nós, u'a mãe e uma esperança
de sonhos de criança.

Porém, depois, depois.

Coitadinhos dos dois!

Hoje, quando ela passa
com todo o seu fulgor e a sua graça,
saudamo-nos cordiais.

Mas a cascata das canções sem jaça
não soe nunca mais.

Rina

fior de estufa, tão pálida e franzina,
veio ridente, um sol. A mãe julgou,
para meu sangue forte, fraca a filha...

Esta era um bibelô

sem força e sem vontade.

Cedeu à imposição da autoridade
e assim mudou
inglória e minha trilha.

Não era uma mulher
que um Dom Quixote quer:
ela era apenas filha.

Vi-a mais tarde. E como ficou feia!
;Onde a antiga sereia?

Diana

Então, deram meus olhos com a Diana,
Que sonhos! que ventura! que delícias
de planos com que a vida se engalana!

Que esplendor de carícias
em promessas que o olhar esconde e diz!
Quanta ilusão minha confiança exalta!

Mas a mãe não me quis.

Assim, também não pôde esta Oriana,
que foi tão vã, tão falsa,
fazer-me um ser feliz.

Zilina

Neste campo de afetos, tão soés,
nunca se emenda a humana estupidez.
Zilina veio com promessas latas
nos olhos suaves, com sorriso amigo,
a prenunciar dias de luz.

A mãe era viúva. E auras ingratas
trouxeram minha cruz.

O viúvo coração fez-se inimigo,
abrasando-se em iras:

pois ela, a estufa viúva — em insensatas
miras —

sonhou (pra minha pena e meu castigo!)
que ela é que havia de casar comigo.

Talita

Andei mundos chorando a minha sorte,
 por-vezes também rindo,
 querendo vida e desejando a morte,
 em trabalho estafante distraíndo
 memória da desdita,
 quando chegou de longe
 pra consolar meu coração de monge
 o encanto de Talita
 simples, bondosa, suave e tão bonita,
 sem ter o tipo de mulher fatal
 mas de um calmo ideal.
 Trazia uns olhos meigos e pequenos,
 sorrisos quentes e umas mãos tão lindas,
 feitas para os cuidados mais amenos,
 pra carícias infindas.
 Ela escondia
 atrás do véu duma aparência fria
 o calor de mais cálido verão,
 a esperança de paz, minha alegria,
 suprema aspiração.

A mãe, porém, abismo de grandezas,
 poço sem fundo de soberba infrene,
 a quem não move a bênção de Hipocrene
 e a dívida das cândidas belezas;
 a mãe, bicho terráqueo, ambiciosa,
 sonhava, para a filha diferente,
 um príncipe doirado, aurifulgente,
 bancos, dinheiros, honras, balda poeira

dos pífios bens da terra, essa joieira
 que não contenta a gente
 sendo comum na arraia criminosa
 só cativa da terra
 e as misérias que encerro.
 Cristo lhe anda nas bôcas "pra dar sorte"
 e o coração mora no cofre-forte,
 Esse tesouro vão
 (por meus pecados!)
 eu não tinha na mão,
 por preferir a paz aos seus cuidados
 de que tanto se goza.
 Talita nada fez para romper o cerco,
 contra o qual nada posso e tudo perco,
 Fraca, indigna de mim, ante o obstáculo materno,
 traiu o que julguei fôsse um amor eterno.

E foi essa megera tão vaidosa,
 foi a mãe de Talita,
 a dona de uma joia tão bonita,
 quem pra sempre matou meu coração
 sangrante ainda da lesão maldita.

Com casos tais,
 meu caro amigo certo,
 eu céptico tornei-me e, em meio à vida
 o splendor lá por fora colorido,
 meu velho coração ficou deserto.
 Afoquei as lembranças e a saudade
 numa fatal disponibilidade.

Se, pois, me achas em falta ou crês mofino,
culpa minha não é, mas do destino!

Do livro inédito
Versário de Amor

II

TENHO VONTADE DE CHORAR BAIXINHO

Tenho vontade de chorar baixinho
como os pingos de chuva nos passeios,
como a areia pisada no caminho
que geme com soluços e receios.

Tenho vontade de chorar baixinho
como as folhas das árvores à brisa,
que tiritam, balouçam de-mansinho
com queixa soluçante ou indecisa.

Tenho vontade de chorar baixinho
como as águas da fonte gemedora
que partem para longe e têm arminho
na fala incompreensível, pranteadora.

Tenho vontade de chorar baixinho
como as gotas de orvalho sobre as flores,
que vão subindo — das estrélas vinho —
transformadas em mádidos vapores.

Tenho vontade de chorar baixinho
como as aves com frio à madrugada,
como a abelha caída no caminho,
e o borboleta de asa espedaçada.

Tenho vontade de chorar baixinho
como os ipês que não tiveram flor;
tenho vontade, por sofrer sozinho
da saudade que vem do meu amor.

Do mesmo livro.

III

AQUILLO QUE SE QUER

Aquillo que se quer muyto de pressa
A miúde se perde muyto azinha.
Naõ hes tu que de certo has de ser minha.
Sem embargo dos olhos a promessa.

Eu tenho medo que este amor pereça
Como a rosa vernal cõra e definha.
Mas, quem os fados varios adivinha?!
Quem empece que o luar desapareça?!

Estes versos que a ti vou descantando
Talvez sêjeõ p'ra alguém que vem de longe
Sem saber que tua vinda estou sonhando.

Quando Ella vier, lhe entregarei meos cantos
E Ella fará desta soidão de monge
Hum éden de alegrias e de encantos.

Do livro inédito

Historia de hum amor fingido

IV

A ÁRVORE-DA-VIDA

"E (Deus) expulsou Adão, e pôs diante do paraíso de delicias Querubins brandindo uma espada de fogo, para guardar o caminho da árvore da vida". — *Gênesis*.

Querubins que guardais a Árvore-da-Vida
e terríveis estais com vossos gládios igneos,
dai-me passagem,
que o meu corpo está fraco e decai sem remédio
pelos eflúvios comburentes, lígneos,
da Árvore do Pecado.
Dai-me passagem,
que a minha alma está frouxa e embebida de tédio,
pois do corpo depende, ainda de Deus imagem.
Querubins que guardais a Árvore-da-Vida,
dai-me, dai-me passagem.

Comi do Pão do Céu que me reforça o espírito,
e incendiou-se em meu peito a saudade do Céu;
como a água quis voar, lancei a Deus meu grito;
porém, a carne continua fraca;
porém, o corpo continua réu,
e zomba do meu fito,
afoga-me de terra
e todo o mal imenso que ela encerra,
embora eu arda em sede do infinito,
embora eu tenha ideal, clame e aspire à miragem
que do Alto me convida.
Querubins que guardais a Árvore-da-Vida
e terríveis brandis os vossos gládios igneos,
dai-me, dai-me passagem!

Do "Incenso da minha miséria".

V

NATAL MODERNO

Natal. Que gozo! que contentamento!
O Douglas, rapazinho novo estilo,
antegoza com vivo aqodamento
que o tal Papai "Noel" venha servi-lo.

Certo que vai ficar mui deslumbrado
pula de cama ansiado, bem cedinho,
mas exclama, infeliz, desencantado:
— Patinete?! Eu queria um canhãozinho!

Das "Quadras da Vida".

VI

DOUTOR FABIANO

O filho da lavadeira,
neto do Jango Africano,
graças à muita canseira
da mãe que o teve em escolas,
agora é "Doutor Fabiano".

Doutor Fabiano, o mulato
de cabelos carapinhos,
já esqueceu o antigo fato...
Diz que procede da tribo
dum tal índio Ribeirinhos.

Alisou a carapinha
que hoje está desta maneira...
E diz, a qualquer gatinha
que lhe pergunta as origens,
que é filho de fazendeira.

O filho da lavadeira,
neto do Jango Africano,
desprezou a mãe obreira.
Agora é filho de bugre
e atende: "Doutor Fabiano".

Do livro "Alma de Negro".

VII

O BEM QUERIDO

O bem que a gente quer mas não conheço
bem — é esse o melhor, que mais agrada.
É por isso que a coisa desejada
mais — tanto mais nos foge e desaparece.

Se a gente o bem querido logo houvesse
sem ter alma ferida e atormentada,
oh! nada fôra bom, tudo nonada
que o nosso coração ama e apetece.

Se Dante a Beatriz tivesse tido...!
Muitas vezes um sítio, mui querido
antes de visto, ao ver-se perde o encanto.

Oh Deus! Quâsi direi: Minha não seja
a coisa que o meu peito mais deseja,
para que eu morra desejando-a tanto.

(Amostra avulsa)

VIII

CUADRAS

Otros aquí pasaron, muchas gentes
han ya vivido aquí donde vivimos.
Si hay cosas que sean permanentes,
es este movimiento que sufrimos.

En el espacio y tiempo somos nada,
infelices en vida y en la muerte.
Oh vanidad la nuestra desdichada!
Oh vanidad tan vana de la suerte!

"Quadras da vida".

Endereço do Autor:

DR. A. VEIGA DOS SANTOS

Rua dos Capitães-Generais, 121 — Cidade de S. PAULO